

Neologia e Terminologia

Margarita Correia

FLUL / SILEX (URA 382 - CNRS)

0. Introdução

Uma qualquer língua apresenta uma multiplicidade de registos distintos, cujas características são determinadas por factores de natureza histórica, geográfica e social. De entre esses registos podemos destacar a chamada **língua corrente**, isto é, o subsistema linguístico mais neutro no que respeita a traços determinados por factores científicos, técnicos ou profissionais, e que é utilizado na comunicação informal, quotidianamente, pelos falantes de uma mesma comunidade linguística.

A língua corrente opor-se-á, para efeitos do presente trabalho, às **linguagens de especialidade**, entendidas como subsistemas linguísticos que compreendem o conjunto de meios linguísticos próprios de um domínio particular do saber (disciplina, ciência, técnica, profissão, etc.), visando a não ambiguidade na informação (cf. BOUTIN-QUESNEL, *apud* COSTA (1993: 18))¹.

No que respeita à mudança, as linguagens de especialidade têm um comportamento distinto da língua corrente, pelo que a presente comunicação apresenta uma estrutura tripartida:

Num primeiro momento apresentar-se-ão os conceitos de **neologia** e **neologismo**, bem como os tipos de novidade apresentados pelos neologismos de uma língua. Falar-se da neologia em geral, enquanto fenómeno que afecta o léxico de uma língua e, em particular, o vocabulário da língua corrente.

Num segundo momento, observar-se-ão as particularidades da neologia no que respeita às linguagens de especialidade, apresentando-se as novas tarefas atribuídas à neologia, como resultado das práticas de planeamento linguístico associadas às terminologias científicas e técnicas. Serão referidas as designações ‘neonímia’ e ‘neónimo’. Apresentar-se-ão as condições a que os neologismos terminológicos deverão obedecer para terem viabilidade de aceitação.

Finalmente, referir-se-ão os mecanismos disponíveis para a criação de neologismos terminológicos. Deter-me-ei, em particular, nos tratamentos possíveis a atribuir às unidades terminológicas importadas.

1. Neologia e língua corrente

Uma das características universais da linguagem humana é a mudança. Porém, se é verdade que ela afecta todas as componentes do conhecimento linguístico (fonológica, morfológica, sintáctica, semântica e pragmática), é também verdade que essa mudança é fundamentalmente visível ao nível do léxico. Tal facto acontece por duas razões fundamentais:

- por um lado, porque não sendo a componente lexical uma componente tão estruturada como, por exemplo, as componentes fonológica ou sintáctica, e sendo o conhecimento lexical mais consciente, porque constituído não só por regras, mas sobretudo por itens, a

¹Para a discussão dos conceitos de ‘língua corrente’ ou ‘língua geral’ por oposição a ‘linguagem(ns) de especialidade’, cf. CABRÉ (1993) e COSTA (1993).

mudança pode ocorrer de modo mais 'livre' e rápido, afectando unidades e não tanto a estrutura do léxico;

- por outro lado, sendo através das unidades lexicais que designamos os itens da realidade envolvente e que traduzimos o conhecimento que temos dessa realidade, é natural que a componente lexical reflecta de forma mais directa todas as alterações, toda a evolução que o meio vai sofrendo.

Assim, o léxico de uma língua é a sua componente mais afectada pela mudança linguística. Essa mudança traduz-se basicamente a dois níveis:

- i. por um lado, por razões extralinguísticas, algumas unidades caem em desuso, tornando-se **arcaísmos**²;
- ii. por outro, novas unidades lexicais vão entrando no léxico, os **neologismos**.

Mas, afinal, o que são **neologismos**?

Embora os falantes em geral reconheçam com facilidade as unidades da sua língua que podem ser consideradas novas, o conceito de 'neologismo' é tão relativo que levou mesmo Rey a questionar-se se se trata de um conceito ou apenas de um pseudo-conceito (cf. Rey 1976 - «Néologisme: un pseudoconcept?«).

Efectivamente, uma dada unidade apenas pode ser considerada em relação à época em que surge (e ao estágio imediatamente anterior da língua), ao significado que é actualizado num dado contexto (e que não o era num momento anterior) e ao registo linguístico em que ocorre (em relação ao estado anterior desse registo linguístico).

Um neologismo é, pois, um item lexical que é sentido como novo pela comunidade linguística³. Guilbert (1976) apresentava o 'carácter de novidade' dos neologismos, critério de natureza psicológica, como determinante para a sua identificação, o que suscitou críticas diversas ao seu trabalho.⁴ Os *Observatoires du Français Contemporain*, que basearam os seus trabalhos na obra desse autor, pela necessidade de estabelecimento de critérios mais objectivos, adoptaram o critério lexicográfico nos seus trabalhos, considerando como neológica uma unidade não registada nos dicionários representativos do estado da língua em questão⁵. Cabré (1993) refere ainda a instabilidade formal do neologismo como relevante para a sua classificação enquanto tal (cf. p. 445), isto é, uma unidade será considerada neológica se, cumulativamente, apresentar sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica.

²Se considerarmos o léxico como o repositório de todas as unidades lexicais de uma língua (possíveis e atestadas, arcaicas e novíssimas, correntes e pertencentes a linguagens especializadas), não poderemos, com propriedade, dizer que os arcaísmos saem da língua, desaparecem. De facto, o que acontece é que, embora continuando a pertencer ao sistema linguístico, eles deixam de estar disponíveis e presentes à consciência dos falantes.

Isto leva-nos a pôr a questão nos seguintes termos:

- de facto, quando falamos em arcaísmos e em neologismos, não estamos a falar tanto do léxico, mas do vocabulário activo dos falantes de uma língua num determinado momento.

Chegamos assim, por outra via, a REY 1976, segundo o qual, o conceito de 'neologismo' apenas pode ser entendido em sincronia e não faz sentido quando perspectivado diacronicamente.

³Note-se como toda a teorização sobre neologismos e neologia é fundamentada em Saussure, nas suas dicotomias e na sua concepção sociológica de língua enquanto sistema de signos pertencente a uma comunidade de falantes.

⁴Cf., por exemplo, CORBIN (1987: 55-60).

⁵Porém, num caso como o do português europeu, em que a actualização dos dicionários não é tão frequente nem sistemática como seria desejável, o critério lexicográfico não é dos mais fiáveis.

Porém, apesar do estabelecimento de todos estes critérios, o facto de considerarmos uma unidade como um neologismo tem sempre um carácter subjectivo, dependendo da intuição linguística de cada falante da comunidade.

Rey (1976) define, então, neologismo do seguinte modo:

Neologismo é uma unidade de léxico (palavra, lexia ou sintagma), cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efectivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua (cf. REY (1976)).

Partindo da definição anterior, podemos verificar que os neologismos o podem ser a vários níveis, isto é, podem apresentar tipos de novidade distintos:

- **formal** (a sua forma significante é nova): quando o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registo de língua (ex.: derivados e compostos novos, palavras de origem estrangeira);
- **semântica**: quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova acepção;
- **pragmática**: quando a neologia resulta da passagem de uma palavra previamente usada num dado registo para outro registo da mesma língua. A novidade pragmática implica, normalmente, novidade semântica⁶.

Um mesmo neologismo pode evidenciar, ao mesmo tempo, tipos de novidade diferentes, o que acontece com frequência.

Neologia, termo presente no título deste trabalho, é tradicionalmente entendida como uma denominação que corresponde a dois conceitos distintos:

- I. A **neologia** traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos. Essa introdução pode ser realizada de forma consciente ou inconsciente, pelo recurso aos mecanismos de formação de palavras da língua. Se atendermos às considerações anteriores, poder-se-á subdividir a neologia, em termos genéricos, em neologia de forma, neologia de sentido (cf. *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. II (1992)), mas também em neologia de uso.
- II. A **neologia** é entendida, ainda, como o estudo (observação, registo e datação, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua⁷.

Mais adiante ver-se-á que, actualmente, no plano das terminologias científicas e técnicas, à 'neologia' correspondem outras actividades (cf. 1.2.).

Considerando a neologia enquanto demonstração da criatividade lexical, ela pode, segundo GUILBERT (1975), ser de quatro tipos:

- a) **denominativa**: resultando da necessidade de nomear novas realidades (objectos, conceitos), anteriormente inexistentes;
- b) **criação neológica estilística**: corresponde à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de

⁶Tal não acontece no caso de, por exemplo, unidades lexicais que passaram da gíria dos marginais dos bairros lisboetas para registos menos marcados socialmente, como a linguagem dos jovens e até o registo familiar. Ex.: *chavalo*, *garina*, *o / a bófia*, etc. Estes apresentam, portanto, novidade estritamente pragmática.

⁷Em Portugal, esse trabalho é realizado no Observatório do Português Contemporâneo, a funcionar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), sob a direcção da Prof^a. Doutora Teresa Lino.

modo inédito certa visão do mundo. Estes neologismos existem, primeiramente, apenas ao nível do discurso, sendo geralmente formações efémeras, entrando raramente no sistema da língua, isto é, são unidades que tendem a desaparecer rapidamente. São muito frequentes no discurso humorístico, jornalístico (sobretudo ao nível dos títulos, pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar), bem como na crónica política;

- c) **neologia da língua:** unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua (elas correspondem à actualização da competência derivacional dos falantes), não despertam qualquer sentimento de novidade. São processadas, na comunicação, quer ao nível da produção, quer ao nível da percepção, como sintagmas, levando em conta as suas partes constituintes, bem como a sua posição relativa. O que faz destas unidades neologismos é o facto de elas não se encontrarem registadas nos dicionários representativos da língua em questão⁸.
- d) **poder gerador de certos elementos constituintes:** em certas épocas, por factores extralinguísticos, determinados formantes de palavras (já existentes ou novos) "ficam em moda", dando origem a inúmeras unidades lexicais novas. Ex.: *mini-* (sobretudo nas décadas de 60 e 70); *super-* e, actualmente, *mega-* (cf. *megaconcerto*, *megaprograma*, *mega-espectáculo*, etc.).

Ao nível da língua corrente, todos estes tipos de neologia estão presentes, sendo até provável que o número de neologismos denominativos seja bastante menor quando comparado, por exemplo, com os neologismos estilísticos⁹.

Na língua corrente, os neologismos são, então, num primeiro momento unidades do discurso, passando para o sistema da língua apenas aquelas formações que assumem um carácter permanente e estável, isto é, aquelas que resultam de uma necessidade do sistema, sobretudo as de carácter denominativo. A entrada no sistema linguístico, oficializada pelo registo em dicionário de língua, é, ao mesmo tempo, o momento em que a formação deixa de ser um neologismo.¹⁰

2. Neologia e Terminologia

Os neologismos de cariz terminológico são frequentemente designados por **neónimos**, e a neologia, neste âmbito, por **neonímia**.

Ao nível das terminologias científicas e técnicas, apenas a neologia denominativa se encontra representada. De facto, os neologismos terminológicos resultam exclusivamente da necessidade de designar novos conceitos, associados a novas teorias, descobertas, produtos ou tecnologias.

⁸De resto, é discutível a pertinência da sua inserção no dicionário. Se considerarmos, no plano da complementaridade entre dicionário e gramática, que o dicionário deve conter apenas as características idiossincráticas das unidades lexicais, estas, por não as apresentarem, não necessitam de ser registadas.

⁹Pelo facto de não serem sentidos como novos, os neologismos resultantes de 'neologia da língua' são impossíveis de quantificar, tal como as frases de uma língua.

¹⁰Por esse motivo, considero impertinente a marca '*neol.*' usada com frequência na micro-estrutura dos dicionários de língua para assinalar as palavras mais recentes. É preferível, a meu ver, e teoricamente mais correcto, optar pela datação da primeira atestação da unidade registada.

Por esse motivo, as criações neológicas terminológicas são, logo a partir do momento da sua formação, unidades da língua, mais precisamente, fazem parte do subsistema linguístico que é a linguagem de especialidade a que pertencem.

A concepção e aplicação de políticas de planeamento linguístico, presentes em vários estados¹¹, cujo objectivo é o de dotar as línguas em questão dos meios que lhes permitam manter ou adquirir o estatuto de grandes línguas, capazes de possibilitarem a comunicação em todos os domínios (não só ao nível do quotidiano, como nas áreas científicas, técnicas e tecnológicas), levou a que a neologia adquirisse uma importância acrescida, transformando-se numa actividade institucionalizada. Por outras palavras, os responsáveis pelas políticas linguísticas desses estados têm vindo a reconhecer como básica a necessidade não apenas de criar neologismos nas várias áreas, como de garantir que esses neologismos respeitam condições mínimas de aceitabilidade no quadro da língua em que são construídos.

Assim, segundo Boulanger (1989: *apud* Cabré (1993: 444)), o termo ‘neologia’ serve para denominar, para além das actividades I. e II. previamente referidas (cf. 1.), pelo menos mais três actividades distintas:

- a actividade institucional organizada sistematicamente para recolher, registar, difundir e implantar os neologismos, no âmbito concreto de uma política de língua;
- a tarefa de identificação dos sectores especializados novos, ou recentes, ou com lacunas, que necessitam de intervenção;
- a relação da novidade com os dicionários, sobretudo em dois aspectos: a utilização do dicionário como filtro de reconhecimento dos neologismos e a análise do tratamento da neologia dentro dos dicionários.

Além disso, o estudo da neologia (II., cf. 1.) passa a comportar ainda uma dimensão mais pragmática que se prende com os critérios de reconhecimento, aceitabilidade e difusão dos neologismos, com os aspectos sociais e culturais da neologia, etc.

Entendendo-se, então, a neologia das línguas especializadas como procedimento institucional, consciente e assumido, de criação de novas unidades com função denominativa, são estabelecidas **condições linguísticas** a que um neologismo deve obedecer, de modo a garantir alguma viabilidade de implantação, conforme apresentado em Cabré (1993). Assim, um neologismo terminológico:

- deve denominar um conceito estável, previamente delimitado de forma explícita e clara, com o qual deve manter uma relação de univocidade;
- deve ser breve e conciso;
- deve ser construído de acordo com as regras do próprio sistema linguístico;
- deve ser transparente;
- deve poder constituir base de séries de palavras derivadas;
- deve adaptar-se ao sistema fonológico e ortográfico da língua (cf. Cabré (1993: 451)).

Para além destas, Cabré propõe, ainda, as seguintes **condições sociolinguísticas** - o neologismo terminológico:

- deve ser fruto de uma efectiva necessidade denominativa;
- não deve apresentar conotações negativas nem provocar associações inconvenientes;
- deve pertencer a um registo formal de especialidade;

¹¹Por exemplo, no Quebeque e na Catalunha, pela necessidade política de desenvolvimento e promoção das suas línguas respectivas como factor de identidade nacional.

- deve poder ser memorizado com facilidade (o que resultará forçosamente da sua conformidade ao sistema linguístico onde é produzido);
- não deve contradizer as linhas básicas da política linguística previamente estabelecida (cf. p. 445).

Para conseguir que os neologismos terminológicos obedeam a todas as condições anteriormente enunciadas, a actividade neológica deve obedecer, ainda, às condições seguintes:

- deve contar com a orientação de especialistas que orientem as propostas neológicas;
- não deve contradizer as regras patentes nos restantes termos do mesmo domínio;
- deve assumir que uma forma inaceitável, mesmo que amplamente consolidada pelo uso, pode ser abolida;
- não deve proceder à normalização de um termo sem ter em conta o sistema conceptual e denominativo de que faz parte (cf. Cabré: 1993: 445).

Tendo em conta o caso do português europeu, dever-se-á acrescentar às condições anteriores que a actividade neológica deverá ser praticada ou, pelo menos, assistida por terminólogos com formação linguística, o que nem sempre acontece.

A criação de neologismos científicos e técnicos não permite colmatar, por si só, as necessidades da comunicação nestes domínios. Tão ou mais importante que **criar** é, por um lado, **normalizar** os termos, isto é, instituí-los legalmente como os termos a usar no âmbito da comunicação científica ou técnica institucional, e, ainda, **divulgar** essas normas junto dos seus utilizadores mais directos (os cientistas ou técnicos, os organismos de ensino, os meios de comunicação, bem como as instituições oficiais)¹².

3. Mecanismos disponíveis para a formação de neologismos terminológicos

Para a criação de neologismos terminológicos estão disponíveis todos os meios de que a língua a língua dispõe para a renovação do seu léxico.

Os neologismos terminológicos poderão ser:

- a) construídos dentro do próprio sistema linguístico;
- b) resultar da importação de unidades de outras línguas.

A predominância de um ou outro tipo de unidade será determinada, entre outros aspectos:

- pelo facto de o estado a que a língua pertence ser produtor ou importador de ciência e/ou tecnologia;
- pela existência de uma política linguística efectiva e coerente;
- pela celeridade com que os organismos responsáveis pela criação neológica agirem;
- finalmente, pela eficácia da normalização e da difusão dos neologismos aprovados.

Os neologismos construídos dentro do sistema linguístico apresentam as estruturas morfológicas próprias do sistema a que pertencem, pelo que não me deterei na sua descrição pormenorizada. Assim, eles poderão ser:

- palavras derivadas;
- palavras compostas, quer se trate de compostos por temas, quer se trate de sintagmas lexicalizados;

¹²Em Portugal, o aspecto da divulgação tem sido descurado pelas entidades responsáveis, sendo frequente a situação de existirem por vezes normas já aprovadas para determinada área, mas que são pura e simplesmente desconhecidas dos seus potenciais utilizadores.

- siglas, acrónimos, amálgamas e abreviações;
- palavras que adquirem novas significações. Estas resultam, em geral, de empréstimos internos, que podem ocorrer em vários sentidos: da língua corrente para uma linguagem de especialidade ou de uma linguagem de especialidade para outra¹³.

Se quisermos comparar a produtividade dos mecanismos de formação de palavras nas terminologias com os da língua corrente, rapidamente verificamos que, no âmbito das linguagens científicas e técnicas, é muito frequente o recurso à composição, quer por temas, quer sintagmática (as também chamadas lexias complexas, na terminologia de Pottier), apresentando as unidades lexicalizadas, muitas vezes, uma dimensão bastante superior às da língua corrente¹⁴. Esse é o caso das unidades *Mecanismo das taxas de câmbio do SME*, *taxa de câmbio de equilíbrio a médio prazo* ou *saldo negativo da balança de pagamentos correntes* (exemplos retirados de COSTA (1993)), em que a primeira palavra constitui o termo mais genérico, o hiperónimo do composto, funcionando os elementos seguintes (adjectivos e sintagmas preposicionais) como restritores progressivos da extensão do hiperónimo. Consequentemente, é também muito frequente o recurso a processos de siglação, acronimização e abreviação de designações - os resultados destes processos, embora motivados e, portanto, transparentes para o especialista do domínio científico ou técnico, constituem formações perfeitamente opacas para o falante comum, que muitas vezes lhes aplica regras de regularização analógica (a este nível, é significativo o caso de *TAC - Tomografia Axial Computadorizada* - que, sendo um substantivo feminino - *a TAC* -, é quase sempre usado como substantivo masculino, por regularização analógica - *o TAC* - cf. *o ataque*).

O carácter opaco das siglas é ainda confirmado pelo facto de ser frequente a substituição da sigla por uma unidade mais motivada, quando o termo se vulgariza e entra na língua corrente - cf. o caso de *doença das vacas loucas* por *EEB (encefalite espongiforme dos bovinos)*.

Os neologismos resultantes de importação devem ser alvo de uma atenção redobrada por parte do terminólogo encarregado de elaborar as suas propostas de normalização. Se essa atenção não se verificar, estas unidades poderão vir a provocar perturbações no sistema fonológico, morfológico ou ortográfico da língua de acolhimento, tanto mais graves quanto maior for a divulgação que o termo vier a conhecer. É o caso de palavras que hoje pertencem já ao vocabulário da língua corrente, mas em relação às quais se verificam ainda enormes hesitações, como o *hambúrguer* ou *hamburger*, a *hamburga*, o *hamburger* ou *hambúrger*.

Os termos importados poderão ser alvo de um dos seguintes procedimentos:

- **manutenção da sua forma inalterada em relação à língua de partida** - ex.: *drugstore* (“tipo de estabelecimento que pratica horários de funcionamento alargados e comporta uma série de pequenas lojas onde se vendem presentes sofisticados, produtos farmacêuticos, livros, revistas, discos, tabaco e inclui um serviço de refeições (conceito europeu)”) ou *tenant mix* (“selecção e distribuição do tipo de estabelecimentos comerciais implantados num centro comercial”) - (CACHINHO (1991))¹⁵;

¹³Os movimentos das unidades lexicais podem também ocorrer das linguagens de especialidade para a língua corrente, devido a processos de vulgarização lexical. Exemplo: *micro-ondas* (em *forno de micro-ondas*), *centrifugadora* (como designação de um electrodoméstico) ou *computador*.

¹⁴Tal facto prende-se, claramente, com a lei do menor esforço que rege as produções linguísticas não formais.

¹⁵ Agradeço ao Herculano Cachinho a disponibilidade e o apoio prestado na pesquisa destes termos e no entendimento mais cabal dos conceitos a eles associados.

- **adaptação parcial da forma original, de tipo meramente ortográfico**¹⁶ - ex.: *râguebi* - do inglês *rugby* (cf. COSTA & MELO (1994)), de tipo morfológico - ex.: *consumerismo* - do inglês *consumerism* (“Movimento social que defende os direitos dos consumidores face às actuações das empresas vendedoras, evitando ou reduzindo desta forma a insatisfação do consumidor” - CACHINHO (1991)) ou de tipo lexical - ex.: *mix comercial* (por *tenant mix* - comunicação pessoal do autor);
- **a sua substituição por um sintagma explicativo do conceito associado à denominação** - ex.: *Implantação / organização interna* - do inglês *layout* (“Determinação racional dos locais reservados, num estabelecimento de venda a retalho, às secções, à circulação das pessoas e às superfícies de passagem. Diz-se, também, da repartição dos estabelecimentos de venda a retalho num centro comercial integrado” - CACHINHO (1991)) ou *SOGA: Saltador Operacional de Grande Altitude* - do inglês *HALO: High Altitude Low Opening* (comunicação pessoal de um pára-quedista);
- **o decalque ou tradução literal do termo**, mantendo, quando é caso disso, o mecanismo semântico que lhe deu origem, geralmente uma metáfora - ex.: *rato* - do inglês *mouse* (dispositivo periférico associado ao computador) ou *loja âncora* - do inglês *anchor tenant* (“estabelecimento comercial que à partida possui uma grande capacidade de atrair consumidores a um centro comercial. De um modo geral, trata-se de grandes estabelecimentos que pertencem a empresas dotadas de imagem de marca” - CACHINHO (1991)).

3.1. Da necessidade de intervenção linguística na produção neológica

O exemplo, anteriormente referido, de *consumerismo* é um caso claro em que um tratamento não assistido por linguistas leva à implantação de um neologismo terminológico não adequado ao sistema morfológico da língua de acolhimento e, conseqüentemente, à dificuldade no seu processamento e memorização (note-se que a estrutura do termo em inglês é *consumer* (‘consumidor’) + *-ism*, devendo a forma portuguesa equivalente ser *°consumidorismo*).

Trata-se de um caso semelhante ao que aconteceu com o verbo *computorizar* (do inglês *computerise* - de *computer*), que, exibindo uma base não reconhecível em português, conduz às hesitações frequentes no seu emprego e à sua substituição, sempre que possível, por *informatizar*.¹⁷

O mesmo acontece com a unidade *pedestrianismo* (do inglês *pedestrianism* - “Esporte que consiste em grandes marchas a pé” - FERREIRA (1986)), que nos remete para uma base **pedestriano* que não existe em português (a forma mais adequada seria *pedestrismo*, embora fosse um caso a considerar em termos de possíveis associações desagradáveis, à luz das condições sociolinguísticas propostas por Cabré (1993) e enunciadas anteriormente¹⁸).

4. Conclusão

¹⁶Parece-me ser este tipo de adaptação mais específico da língua corrente do que das linguagens especializadas.

¹⁷Note-se a estranheza da forma *computadorizada* (em *tomografia axial computadorizada*) - cf. 2.

¹⁸Piel (1940) dá já conta da palavra *pedestrianismo*.

Com o presente trabalho pretendeu-se traçar uma panorâmica dos conceitos associados a neologia e neologismo, no que respeita à língua corrente e, em particular, no que respeita às terminologias. Ao fazê-lo, voltou a questionar-se o carácter vincadamente intuitivo que o neologismo apresenta (cf. 1.). Pretendeu-se, ainda, vincar o carácter institucional e indispensável que a neologia terminológica enquanto actividade consciente assumiu, particularmente em estados com políticas de planeamento linguístico (cf. 2.). Por fim, apresentaram-se sumariamente os mecanismos disponíveis para a produção neológica (cf. 3) e, a partir da análise de alguns exemplos de termos importados cuja adaptação não foi assistida por linguistas, defender que esta é uma necessidade para qualquer actividade neológica de qualidade.

Referências bibliográficas

- ALVES, I. (1990). *Neologismo - Criação lexical*. Ed. Ática: São Paulo.
- ALVES, I. (1996). «Projeto de política neológica para o português do Brasil». In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 15, pp. 53-57.
- CABRÉ, M. Teresa (1993). *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries.
- CACHINHO, H. (1991). *Centros comerciais em Lisboa - Os novos espaços de consumo*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CORBIN, D. (1987). *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, vol I. Tubinga: Max Niemeyer Verlag.
- COSTA, J. A. & A. S. MELO (1994). *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª edição. Porto: Porto Editora.
- COSTA, M. R. V. (1993). *Terminologia da Economia Monetária: relações conceptuais e semânticas numa sistemática terminológica e lexicográfica*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, inédita.
- FERREIRA, A. B. H. (1986). *Novo Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 2º edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- GUILBERT, Louis (1975). *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.
- LINO, T. (1988). «Banco de Neologismos do Português Contemporâneo - balanço de uma experiência». In: *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 1989, pp. 177-194.
- PIEL, Joseph (1940). «A formação dos substantivos abstractos em português». In: *Biblos*, Vol. XVI, pp. 209-237.
- REY, Alain (1976). «Néologisme: un pseudoconcept?». In: *Cahiers de Lexicologie*, nº 28, pp. 3-17.
- XAVIER, M. F. & M.H.M. MATEUS (orgs.) (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos* vol. II. Lisboa: Edições Cosmos.